

Um novo ciclo ibérico?

por Mário Soares

Espanha e Portugal são dois Estados irmãos, na Península Ibérica, com múltiplas raízes comuns. As suas histórias, ao longo dos séculos, foram quase sempre paralelas, por vezes conflituais, sobretudo entre Castela e Portugal, com os respectivos povos, frequentemente, procurando ignorar-se, de costas voltadas. As Casas Reais, ora entrelaçadas, por casamentos e alianças efémeras, ora rivais participando em alianças europeias hostis, também não facilitaram o natural entendimento entre os povos.

No princípio do Século XIX, Portugal e Espanha foram invadidos pelos exércitos napoleónicos. A coroa portuguesa (D. João VI e a Rainha sua mulher, Carlota Joaquina, irmã de Fernando VII de Espanha), bem como parte significativa dos cortesãos, fugiram para o Brasil (1808), com a ajuda da Inglaterra. A capital do império português passou de Lisboa para o Rio de Janeiro. Um facto inédito, nos anais do colonialismo europeu, que consolidou a identidade e a unidade política do Brasil e facilitou, em 1822, a independência que foi obtida por forma praticamente consensual, sem necessidade de disparar um tiro.

No século XX, a I República Portuguesa, proclamada em 1910, durou 16 anos. De raiz maçónica, jacobina e anti-clerical, entrou na I Guerra Mundial, ao lado dos Aliados. Contrariamente à Espanha, que ficou neutra. Sidónio Pais, militar, germanófilo, interrompeu em 1917, o período constitucional republicano, proclamando a "República Nova", em 1918, ou seja, a Ditadura. Por pouco tempo, visto que foi assassinado em Dezembro de 1918.

Precedeu, assim, o ditador espanhol, Primo de Rivera, sob Afonso XIII (1923-1930), iniciando as desastrosas ditaduras peninsulares do séc. XX, com Salazar (seguido por Marcelo Caetano, a partir de 1968) e Franco, até à sua morte natural.

A II República Espanhola (1931-36) foi uma alvorada de esperança para toda a Península Ibérica. Mesmo para Portugal, já então sob a ditadura de Salazar. Mas, com a tragédia da guerra civil (1936-1939), em que Salazar interveio activamente, em apoio de

Franco, contra os interesses portugueses, ao lado dos fascistas italianos e dos nazis alemães. Com a Europa dividida e a caminho acelerado para nova guerra mundial, caiu sobre os povos ibéricos a “cortina de ferro” da opressão, do isolamento internacional, do obscurantismo e do subdesenvolvimento...

O Pacto Ibérico, firmado entre Salazar e Franco, resultou de um jogo entre os dois ditadores, em tempo de guerra, embora sempre tenham continuado a manifestar grandes desconfianças entre si. Depois da guerra e da derrota do nazi-fascismo foram salvos, ambos, pela “Guerra Fria”, dada a opção feita por ingleses e americanos que os levou a sobrevalorizar o medo do comunismo e a esquecer o compromisso, perante os Povos, de defender a democracia e a liberdade... Foi a grande traição do Ocidente aos Povos Ibéricos.

A “Revolução dos Cravos”, de 25 de Abril de 1974, representou um corte cerce e abrupto com a ditadura colonialista portuguesa, que durara mais de quatro décadas. Influenciou, de resto, profundamente, a “transição democrática” espanhola, que se tornara inevitável após a morte de Franco (Novembro de 1975).

Com as democracias consolidadas em Espanha e Portugal – e o novo Tratado de Amizade e Consulta que tive a honra de subscrever, tendo como contra-parte Adolfo Suarez - as relações entre os dois Estados tornaram-se fluídas, amigáveis, aprofundando-se em todos os domínios. A entrada simultânea dos dois Estados na então CEE, em 12 de Junho de 1985, para além do desenvolvimento e da modernidade que lhes trouxe, incontestavelmente, encaminhou-os para um mercado integrado ibérico. Abriram-se as fronteiras e têm vindo a desmoronar-se, paulatinamente, velhas desconfianças... Com efeito, Portugal e Espanha são hoje parceiros na União Europeia, aliados na NATO, irmãos na Ibero-América e vizinhos que tem interesses convergentes na União, a que pertencem, no Mediterrâneo, no Atlântico e na Ibero-América.

Quanto a mim, a oportunidade histórica criada pela circunstância feliz dos governos de Espanha e Portugal terem agora à sua frente dois socialistas, não deve ser perdida. Permite-nos aprofundar o novo relacionamento, em vários domínios e sobretudo no plano europeu, tanto mais que o impasse institucional criado na União e a crise de lideranças que se manifesta, abre oportunidades e cria maiores responsabilidades – e visibilidade – às iniciativas políticas que possam vir a ser tomadas pelos dois Estados Peninsulares.

O século XXI pode, assim, abrir um novo ciclo ibérico, criando condições aos povos da Península para terem um novo protagonismo no quadro comunitário e mundial.

Daí que pense que Espanha e Portugal têm toda a vantagem em promover iniciativas convergentes e em reforçar o seu recíproco entendimento.

Por outro lado, os portugueses devem deixar de ver a Espanha como uma potência hegemónica, potencialmente perigosa para Portugal. Isso tem a ver com o passado. Hoje a Espanha é uma grande Democracia Plural, descentralizada, capaz de reconhecer as identidades e os direitos das nacionalidades e autonomias que a compõem.

Esse tem sido o trabalho que Zapatero tem vindo a realizar, com grande inteligência política, sobriedade e persistência. Está a impor-se à admiração dos amigos e aliados de Espanha e, portanto, também a Portugal.

Vau, 28 de Agosto de 2006